



UFC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO**

TAYNARA DE LIMA BEZERRA

MEMORABILIA: RELATOS DE ORGULHO E RESISTÊNCIA

RELATÓRIO TÉCNICO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FORTALEZA

2024

TAYNARA DE LIMA BEZERRA

MEMORABILIA: RELATOS DE ORGULHO E RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo da Universidade
Federal do Ceará, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida de
Sousa

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B469m Bezerra, Taynara de Lima.
Memorabilia : relatos de orgulho e resistência / Taynara de Lima Bezerra. –
2024. 62 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de
Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Maria Aparecida de Sousa.

1. Documentário audiovisual. 2. Comunidade. 3. LGBTQIAPN+. 4. Idosos. 5. Envelhecimento. I.
Título.

CDD 070.4

TAYNARA DE LIMA BEZERRA

MEMORABILIA: RELATOS DE ORGULHO E RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo da Universidade
Federal do Ceará, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Esp. Marta Aurélia Bezerra
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Me. Raffael Bezerra Almeida
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Sandra e Tamirton, por todo esforço, luta e sacrifícios que me tornaram o que sou hoje e fizeram com que eu chegasse até este momento. À minha irmã, Tylara, e à minha tia, Tânia, por todo o apoio durante essa jornada e por sempre acreditarem em mim. Eu não seria nada sem vocês.

Aos amigos da “Turma do Bairro”, que, desde a escola, se fazem presentes na minha vida e, de forma direta ou indireta, colaboraram para tornar os momentos mais leves. Crescer com vocês tem sido incrível e sou grata por me mostrarem que sempre tenho alguém para contar.

A todas as pessoas que conheci graças ao Curso de Jornalismo e que contribuíram para que o processo da graduação fosse menos difícil. Compartilhar as experiências com vocês foi incrível e, definitivamente, vou levar um pedaço de cada um para além da universidade.

À Thais, que sempre me apoia em cada momento, topa todas as minhas loucuras e faz com que eu me sinta amada todos os dias. Você é a minha pessoa e nesse trabalho também tem um pedacinho seu.

Sou grata à minha orientadora Cida de Sousa, carinhosamente conhecida como Cidinha nos corredores da UFC. Obrigada pela paciência e pelo otimismo durante todo o processo de realização do documentário e por acreditar neste trabalho. Também sou grata a todos os professores que passaram pela minha vida, na escola e na universidade, e que contribuíram para a minha formação como profissional e como pessoa. Eu aprendi muito com cada um de vocês.

Meus agradecimentos à Universidade Federal do Ceará, ao Programa de Iniciação Acadêmica e aos projetos de extensão que participei durante a graduação e foram portas de entrada para a minha atuação na área. Também sou grata pelo Grupo de Comunicação O POVO, onde comecei como Novo Talento e atuei por dois anos como estagiária. Essa experiência foi fundamental para o meu amadurecimento como jornalista e sou extremamente grata pela confiança, pelas trocas e pelos ensinamentos absorvidos todos os dias na redação. Durante

esse tempo, tive a certeza de que conhecer e contar histórias é o que faz meus olhos brilharem nessa profissão.

Um agradecimento mais do que especial para todas as pessoas que ajudaram na construção desse documentário. Alice, Ricardo, Paula, Elízio e França, obrigada por acreditarem nesse projeto, compartilharem os relatos mais profundos da vida de vocês e por confiarem em mim a tarefa de apresentar esses depoimentos tão importantes. Obrigada também por lutarem pela comunidade e por serem resistência apenas por continuarem existindo todos os dias.

Aos meus amigos Breno e Pedro Mairton, que não pensaram duas vezes antes de me acompanharem nas entrevistas, serei eternamente grata pelo cuidado, tempo e pela dedicação de vocês com esse trabalho. Ao Gabriel, que produziu as lindas artes do poster, obrigada por traduzir tão bem a essência desse documentário e por carregar uma sensibilidade tão única.

Agradeço também a todos do Centro de Referência Janaína Dutra da Prefeitura de Fortaleza, que foram bastante solícitos e sugeriram a grande maioria das fontes apresentadas neste documentário, e ao Nirez, que disponibilizou fotos antigas de Fortaleza e me ofereceu conhecimentos históricos sobre essa cidade tão bela.

Agradeço a todas as formas e expressões artísticas existentes no mundo, em especial ao Cinema, à Música e à Literatura, que me servem de apoio diariamente, me ajudam a entender o mundo e, ao mesmo tempo, a desligá-lo completamente quando preciso.

E por último, mas não menos importante, também dedico esse trabalho a mim. Passei por muitos momentos felizes e tristes para chegar até aqui e todos eles tiveram um propósito na minha vida. Sou grata por nunca ter desistido e por, finalmente, poder falar que sou jornalista. Para a criança que amava ler e escrever na escola e que assistia ao Globo Repórter imaginando quando estaria ali, para a adolescente que tinha certeza do que queria ser quando crescesse e para a quase-adulta que entrou pela primeira vez na Universidade, mas não para o curso que desejava, e teve paciência de esperar a sua hora chegar: esse momento também é de vocês!

RESUMO

O Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ainda não aborda questões relacionadas à orientação sexual ou identidade de gênero nos levantamentos realizados a cada 10 anos. Em 2019, uma pesquisa inédita foi realizada no País, com perguntas sobre diversidade, mas obteve resultados que apontam uma possível subnotificação. Apesar de discussões recentes sobre a inclusão de perguntas acerca da sexualidade e do gênero, as temáticas ainda não fazem parte do Censo realizado pelo órgão. Enquanto isso, o número de idosos no Brasil mostra crescimento, assim como na cidade de Fortaleza, no Ceará. Mesmo com o percentual significativo de pessoas com mais de 60 anos de idade, ainda não sabemos a quantidade de idosos que se identificam como LGBTQIAPN+ na capital cearense. Este documentário audiovisual aborda as histórias e as vivências de cinco idosos que fazem parte da comunidade e moram ou têm vida ativa em Fortaleza. A partir da apresentação de entrevistas em profundidade, a obra visa mostrar a experiência dessas pessoas, os avanços registrados na sociedade em relação à diversidade durante os anos e as demandas perenes até hoje.

Palavras-chave: documentário; comunidade; LGBTQIAPN+; idosos; diversidade; cidade; envelhecimento

ABSTRACT

The Demographic Census of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) still does not address issues related to sexual orientation or gender identity in the surveys carried out every 10 years. In 2019, an unprecedented survey was carried out in the country, with questions about diversity, but obtained results that point to possible underreporting. Despite recent discussions about the inclusion of questions about sexuality and gender, the topics are still not part of the Census carried out by the agency. Meanwhile, the number of elderly people in Brazil is growing, as it is in the city of Fortaleza, Ceará. Despite the significant percentage of people over 60, we still don't know how many elderly people identify as LGBTQIAPN+ in the capital of Ceará. This audiovisual documentary looks at the stories and experiences of five elderly people who are part of the community and live or are active in Fortaleza. Through in-depth interviews, the work aims to show the experience of these people, the progress made in society in relation to diversity over the years and the demands that remain today.

Keywords: documentary; community; LGBTQIAPN+; elderly; diversity; city; ageing

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OBJETIVOS.....	11
2.1 Objetivo geral.....	11
2.2 Objetivos específicos.....	11
3 JUSTIFICATIVA.....	12
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
5 FORMATO.....	16
6 METODOLOGIA.....	17
6.1 Pré-produção.....	17
6.2 Produção.....	18
6.2.1 Tabela de Entrevistas.....	19
6.3 Pós produção.....	20
6.4 Pôster do documentário.....	22
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
8 REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define como idoso todo indivíduo com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. Em nações em desenvolvimento, como o Brasil, a classificação aponta que pessoas com idade a partir de 60 anos são consideradas idosas, assim como estabelecido na lei brasileira a partir do Estatuto do Idoso.

Em 2010, o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que o número de idosos no Brasil era 20,5 milhões, equivalente a 10,7% do total de habitantes da nação na época. Doze anos depois, o levantamento mais recente do órgão indica que esse número aumentou e, hoje, representa quase 15% da parcela da população.

O recenseamento é uma forma de conhecer os habitantes do Brasil e busca, entre tantos outros objetivos, realizar recortes para a criação de políticas públicas. O IBGE foi criado em 1936 e promoveu o primeiro Censo quatro anos depois. Com o objetivo de abranger o maior número possível de residências do território brasileiro, os recenseadores percorrem diversas localidades com o objetivo de garantir que as informações sobre a população brasileira sejam analisadas com exatidão e permitam conhecer o perfil dos habitantes.

O questionário inclui perguntas sobre idade, cor ou raça, renda, escolaridade e perguntas específicas sobre o domicílio, por exemplo. Porém, o levantamento não inclui questões sobre sexualidade ou identidade de gênero. Em 2019, o órgão realizou a Pesquisa Nacional em Saúde (PNS), um levantamento que, de forma inédita e experimental, realizou perguntas sobre as temáticas da diversidade à população adulta.

Naquele ano, o número de pessoas com 18 anos ou mais no Brasil era de 159,2 milhões. Os resultados apontam que, desse total, 94,8% se declararam heterossexuais, 1,2% homossexual, 0,7% bissexual, 1,1% não sabia responder e 0,7% indicou outra sexualidade, como panssexual e assexual.

Além disso, 2,3% não quiseram responder, superando o número de pessoas que se identificaram como homossexual e bissexual. O órgão chegou a apontar que os números poderiam estar subnotificados, devido a vários fatores, como o preconceito, a insegurança dos

entrevistados em declarar a própria sexualidade ou a falta de familiaridade em relação aos termos utilizados nos questionários.

Apesar do pequeno avanço da PNS, a necessidade de conhecer o perfil da comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil ainda é latente, principalmente entre as pessoas com 60 anos ou mais. Ao mesmo tempo em que o aumento dos idosos revela o crescimento da expectativa de vida no País, o resultado do Censo indica que são necessárias políticas públicas eficazes para proporcionar qualidade de vida à essa parcela da população e atender demandas, que podem ser agravadas quando o indivíduo não se identifica como cisgênero ou heterossexual.

O documentário “Memorabilia: relatos de orgulho e resistência” busca dar luz à temática do envelhecimento LGBTQIAPN+, em um recorte específico sobre a cidade de Fortaleza. Por meio de entrevistas em profundidade, a produção audiovisual apresenta relatos de cinco idosos que moram ou têm vida ativa na capital cearense, abordando as experiências individuais, o cenário para a comunidade na cidade em anos anteriores, o início da luta e das conquistas de direitos e as dificuldades que atingem duplamente essa parcela da sociedade.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Produzir um documentário audiovisual para apresentar as experiências e vivências da população idosa LGBTQIAPN+ da cidade de Fortaleza.

2.2 Objetivos específicos

- Evidenciar as particularidades de envelhecer na perspectiva de idosos LGBTQIAPN+;
- Demonstrar a diversidade no processo de envelhecimento da população;
- Abordar processos específicos de aceitação, etarismo, silenciamento e solidão;
- Destacar o processo de organização e avanço da luta da comunidade na cidade de Fortaleza;
- Resgatar a memória da cidade de Fortaleza a partir dos relatos dos entrevistados;

3 JUSTIFICATIVA

Os preconceitos e estigmas associados ao processo de envelhecimento do ser humano está fortemente presente na sociedade, que, geralmente, valoriza o novo e o jovem. O artigo 96 do Estatuto do Idoso, Lei 10.741/2003, aponta o delito de discriminação contra o idoso, que é caracterizado pelo preconceito em razão da idade de um indivíduo. A pena para esse tipo de crime é de reclusão de seis meses a um ano e multa, que pode ser agravada caso a vítima esteja sob os cuidados do agente.

Esse tipo de preconceito pode se manifestar de diversas formas, seja a partir de apelidos pejorativos ou da exclusão devido à idade, impactando a vida do idoso. No caso de pessoas com mais de 60 anos que se identificam como LGBTQIAPN+, esse apagamento é acentuado devido à sexualidade ou identidade de gênero, com a discriminação vindo, muitas vezes, de dentro da própria comunidade.

Além da existência de poucos dados demográficos em relação à quantidade de idosos LGBTQIAPN+ no Brasil, há uma escassez de trabalhos voltados à essa temática, principalmente com foco na cidade de Fortaleza.

Um dos primeiros trabalhos voltados para os temas do envelhecimento e da sexualidade foi de Martin S. Weinberg, em 1969, especificamente sobre a homossexualidade masculina, publicado no mesmo ano da Revolta de Stonewall, evento ocorrido em 28 de junho de 1969 em Nova York (EUA), considerado marco inicial para o movimento LGBTQIAPN+. Com muitos avanços dessa época até os dias atuais, mais trabalhos na área foram desenvolvidos, alguns focando em apenas uma das letras da sigla, outros mais abrangentes e com dados atualizados. Desde então, tais perguntas têm aumentado consideravelmente e extravasado os limites dos Estados Unidos para contextos, por exemplo, como Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia (Henning, 2017).

O Brasil também conta com trabalhos sobre a temática, incluindo artigos, livros e outras publicações que buscam aprofundar o debate sobre o envelhecimento LGBTQIAPN+. No campo do audiovisual, produções sobre o assunto também foram realizadas nos últimos anos, ampliando a discussão para outros formatos. No entanto, não foram encontrados produtos no formato documentário com enfoque na cidade de Fortaleza.

Por fim, o projeto para a realização desse trabalho surgiu, inicialmente, no quinto semestre do Curso, na Disciplina de Pesquisa em Comunicação em Jornalismo. A necessidade de tratar sobre a temática foi intensificada após passar pelas cadeiras de Comunicação e Gênero, Jornalismo de Cidades e Jornalismo Audiovisual.

O documentário foi realizado com o intuito de promover o debate sobre essa temática, que, muitas vezes, é esquecida, e destacar a existência dessas pessoas como parte da comunidade. O trabalho ainda deseja contextualizar a luta da comunidade em Fortaleza e evidenciar a recuperar a memória da cidade a partir dos relatos dos entrevistados.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil, pessoas com 60 anos de idade ou mais são consideradas idosas. Como mencionado, parte dessa população sofre discriminação por idade, que também pode ser chamada de etarismo, termo definido pelo médico e gerontólogo estadunidense Robert Neil Butler em 1969.

Envelhecer é uma etapa da vida cercada por estigmas e estereótipos, relacionados a diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais (IRIGAY & SCHNEIDER, 2008). A partir disso, é possível compreender que o processo de envelhecimento dos seres humanos não é heterogêneo, visto que é necessário levar em conta critérios mais específicos e os impactos que essas questões podem causar na vivência e na fase de envelhecimento de cada indivíduo.

A sigla LGBTQIAPN+ é utilizada para representar a comunidade composta por pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-Binárias. O símbolo “+” abrange outros tipos de sexualidades e identidades de gênero, enfatizando que há outras possibilidades de expressões. Em meados da década de 1980, apenas a sigla GLS — um acrônimo para Gays, Lésbicas e Simpatizantes — costumava ser utilizada para falar sobre uma comunidade que vai muito além de três letras.

Para idosos LGBTQIAPN+, as questões relacionadas ao envelhecimento são acentuadas e essa parcela da população, na maioria das vezes, sofre um duplo apagamento, reforçando o silenciamento de pessoas que, por vezes, preferem não se identificar como pessoa idosa LGBTI+ (Crenitte, Gomes & Rebellato, 2021) e carregam a dificuldade da autoaceitação e da violência.

A invisibilização de parte da população realça sentimentos e experiências que grande parte dos idosos já sofre, como a solidão e a ausência de uma rede de apoio. Além disso, a cisheteronormatividade que cerceia a sociedade afeta a vivência de várias pessoas, incluindo idosos LGBTQIAPN+, que acabam sendo impedidos ou têm o acesso dificultado a direitos básicos, como à saúde, em consultas e atendimentos médicos, ou ao mercado de trabalho, por exemplo.

Por meio do método de entrevista em profundidade, que busca recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte (DUARTE, 2009, *apud* MOURA, ROCHA, 2017), este trabalho reuniu os relatos de idosos que, de maneiras específicas, foram afetados pelo processo atrelado ao envelhecimento enquanto parte da comunidade. Essa técnica também permite dar voz a sujeitos silenciados ou com perspectivas pouco representadas na sociedade.

5 FORMATO

O formato utilizado neste trabalho é o documentário audiovisual, tipo de suporte em que uma história pode ser contada por representação ou por aqueles que viveram tal história (OLIVEIRA, 2016). Neste trabalho, esse formato permite que os entrevistados contem os próprios relatos, de forma “crua”, em contato direto com o público por meio da câmera.

Assim, o documentário audiovisual possibilita que participantes de determinados acontecimentos possam contá-los, detalhando como esses acontecimentos marcaram a atualidade e como refletem na sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 2016).

Em “Memorabilia: relatos de orgulho e resistência”, os cinco entrevistados relatam acontecimentos das próprias vidas, destacando o período de autoaceitação e das relações familiares, e resgatam momentos que aconteceram durante a história e causaram parte das mudanças observadas atualmente, como o início da luta LGBTQIAPN+ em Fortaleza e a garantia de direitos da comunidade.

Para Nichols (2012) há seis tipos de vozes no gênero documentário: expositivo, poético, observativo, participativo, reflexivo e performático. A partir disso, este trabalho combina elementos do tipo expositivo, visto que enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa (*apud* OLIVEIRA, 2016), e participativo, pois toda a narrativa do documentário é guiada pelos relatos dos entrevistados. Esse tipo de voz é caracterizado por uma relação direta do cineasta com o tema, por meio de entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais diretas, além de frequentemente unir a imagem de arquivo para examinar questões históricas (*apud* OLIVEIRA, 2016).

6 METODOLOGIA

Nesta seção do relatório, serão apresentadas as etapas para a produção do documentário, incluindo as fases de pré-produção, produção e pós-produção, com detalhes sobre a delimitação do tema, a realização das pesquisas e das entrevistas, além da elaboração do roteiro e da edição do material gravado.

6.1 Pré-produção

A primeira etapa deste trabalho focou em uma pesquisa documental sobre a temática do envelhecimento LGBTQIAPN+ e o etarismo na sociedade. Foram encontrados artigos científicos, textos de opinião, notícias sobre o tema, além de produções audiovisuais. Devido à importância de um olhar mais específico para a cidade de Fortaleza e à logística para as gravações, foi decidido que o enfoque seria na Capital e que o número de entrevistados seria de, no máximo, cinco pessoas devido ao tempo de duração, estabelecido em até 1 hora e 30 minutos.

A partir disso, a busca por idosos LGBTQIAPN+ com 60 anos de idade ou mais, que morem ou tenham vida ativa em Fortaleza, começou. Inicialmente, não foi fácil encontrar fontes nesse recorte ou conseguir pessoas que aceitassem participar do trabalho, por conta do tempo ou do receio das fontes em aparecer nas câmeras, por exemplo.

Em agosto de 2023, foi realizado contato, por e-mail, com o Centro de Referência LGBT Janaína Dutra, da Prefeitura de Fortaleza, e solicitadas sugestões de personagens com o perfil mencionado. Com a ajuda do órgão, foi possível conseguir uma lista de pessoas que poderiam participar do documentário, a grande maioria delas com atuação importante na luta da comunidade na Capital. O acesso à parte dos personagens do documentário apenas foi possível com as informações enviadas pelo Centro. Já outros entrevistados eram conhecidos das fontes e foram sugestões feitas pelos personagens já durante o processo de entrevistas.

A preocupação com a diversidade na representação da comunidade, abarcando o máximo de siglas possíveis, também esteve presente durante todo o processo de busca pelos personagens.

Com isso, cinco pessoas participaram do documentário: Alice Oliveira, mulher lésbica de 61 anos, Ricardo Dione, homem gay de 63 anos e intérprete transformista da personagem Daiany Princy, Paula Costa, mulher travesti de 66 anos, Elízio Loiola, homem gay de 65 anos e França Lima, homem trans de 66 anos.

O roteiro com cerca de dez perguntas elaborado para cada entrevistado reuniu questionamentos sobre as experiências pessoais de cada um, a lembrança da infância e da adolescência, o processo de aceitação, a relação com a família e as memórias na cidade.

6.2 Produção

Desde a concepção do projeto do documentário, idealizado no final de 2022, o foco da produção audiovisual seria apresentar as histórias dos entrevistados, focando na profundidade dos depoimentos de cada um, com a inserção de imagens de apoio entre algumas falas.

Entre setembro e novembro de 2023, todas as cinco entrevistas foram realizadas presencialmente, em lugares e horários previamente combinados com as fontes. Para a realização das entrevistas, contei com o apoio de dois amigos, o publicitário e fotógrafo Breno Nogueira e o graduando em Jornalismo Pedro Mairton, colega de Curso, que disponibilizaram as próprias câmeras e ajudaram na captação das imagens.

Foram utilizadas as câmeras Canon 70D, com a lente Sigma 17-50 mm, e Canon SL3, um Iphone 13 Pro para a captação de imagens de outros ângulos e um microfone de lapela sem fio K9.

Além das entrevistas, também foram feitas imagens da Parada da Diversidade deste ano, realizada no dia 30 de junho na avenida Beira Mar, e de pontos da cidade mencionados pelos entrevistados durante os relatos, como o Edifício Jaucy, no Centro de Fortaleza, conhecido por ser frequentado por pessoas da comunidade nas décadas de 1980 e 1990. Essas gravações foram feitas com uma câmera Nikon D3400, disponibilizada pela coordenação do Curso de Jornalismo.

6.2.1 Tabela de Entrevistas

Nome do entrevistado	Idade	Informações	Data da Entrevista	Local
Alice Oliveira	66 anos	Fotógrafa, co-fundadora do Grupo SOMOS, uma das pioneiras da luta da comunidade no Brasil.	28 de setembro de 2023	Casa da Alice, no bairro Rodolfo Teófilo, em Fortaleza
Ricardo Dione	63 anos	Servidor público estadual, idealizador do concurso Miss Gay Ceará, transformista e intérprete da personagem Dayany Princy	12 de outubro de 2023	Na casa do Ricardo, no bairro Joaquim Távora
Paula Costa	66 anos	Presidente da Associação de Travestis do Ceará (Atrac). Mora em Caucaia, mas tem vida ativa em Fortaleza.	24 de outubro de 2023	Casa da Paula, em Caucaia.
Elízio Loiola	65 anos	Assistente social, especialista em Gerontologia Social, membro do Grupo de Resistência Asa Branca (Grab) e membro do Conselho Regional de Serviço Social (Cress).	8 de novembro de 2023	Sede do Cress, no bairro Benfica.
França Lima	66 anos	Aposentado e	17 de novembro	Estúdio de

		integrante da ONG Projeto Arte de Amar, no bairro Curió	de 2023	Rádio do Curso de Jornalismo, no Centro de Humanidades
--	--	--	---------	---

6.3 Pós produção

Os arquivos das cinco entrevistas somam cerca de 200 GB de capacidade e, além de terem sido transferidos para a memória de um notebook, foram armazenados em uma pasta no Google Drive. Após a captação de todas as imagens dos entrevistados e das imagens de apoio, o processo de decupagem das entrevistas foi realizado no início deste ano, utilizando a ferramenta *PinPoint*, para a transcrição dos áudios, e o Google Docs, para a organização dos arquivos de texto, a correção de possíveis erros que poderiam ter ocorrido durante o processo de transcrição e a marcação do tempo de cada fala.

A partir das entrevistas decupadas, a estrutura do roteiro foi criada com o intuito de apresentar as histórias de cada personagem e conectar falas similares sobre um mesmo tema. Assim, o roteiro ficou dividido em cerca de 11 blocos, seguindo uma narrativa que tem início com a apresentação dos entrevistados e relatos sobre a vida pessoal, incluindo falas sobre a relação com a família e o processo de auto aceitação:

1. Apresentações
2. Relatos sobre a relação com a família
3. Como se percebeu LGBTQIAPN+ e primeiras experiências
4. Detalhes da vida de cada fonte
5. Cenário da época para a comunidade em Fortaleza
6. Criação do Miss Gay Ceará
7. Início da luta e criação do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB)
8. Mudanças percebidas no cenário
9. Lugares frequentados até hoje/Estarismo na comunidade
10. Demandas
11. Mensagem final

Partindo da ideia de que o público estaria familiarizado com as fontes, a sequência seguiria para as experiências dos entrevistados em pontos frequentados na cidade, possibilitando a contextualização do cenário da época para o espectador, e os relatos sobre o início da luta pelos direitos da comunidade na Capital, com detalhes sobre a criação do GRAB e os impactos do Grupo para a obtenção de direitos garantidos hoje.

Este trabalho também apresenta a visão das fontes sobre as mudanças registradas atualmente, em comparação com a sociedade de anos atrás. Apesar de avanços nas pautas LGBTQIAPN+, principalmente no estado do Ceará, que é o primeiro estado a ter uma Secretária de Diversidade, por exemplo, foi possível observar que os entrevistados consideram que ainda há muito a ser conquistado. Em alguns depoimentos, eles chegaram a falar sobre episódios de etarismo e preconceito que enfrentaram dentro da própria comunidade.

O documentário finaliza com mensagens dos cinco personagens, uma forma de conectá-los com quem está assistindo e evidenciar as reivindicações de uma parcela da população que existe e resiste.

Após a análise do material das gravações, também foi realizado mais um processo de pesquisa documental. Dessa vez, em busca de registros de alguns dos lugares mencionados pelos entrevistados como locais de sociabilidade da comunidade na época. Entre os pontos citados, estão as boates Casablanca e Duques e Barões, localizadas no Centro de Fortaleza. De acordo com os relatos, a região contava com muitos bares e boates frequentados pelo público LGBTQIAPN+.

Mesmo após pesquisas e contato com o jornalista e historiador Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, em visita ao acervo do profissional, não foi possível encontrar imagens dos estabelecimentos na época para inserir no documentário. Apenas registros mais antigos das localidades foram encontrados, por volta das décadas de 1930 e 1940. Mesmo sem êxito em resgatar fotos desses locais, Nirez compartilhou conhecimento e apresentou registros de outros pontos da Capital durante os anos, evidenciando a necessidade de ressaltar a memória da cidade durante os próximos processos desse trabalho.

Em seguida, a edição dos vídeos foi realizada no programa Wondershare Filmora e o tratamento dos áudios obtidos foram feitos com o *software* Audacity. Também foi utilizado o programa de edição de vídeo CapCut para inserir a parte de textos com fontes específicas.

A montagem seguiu a ordem dos blocos estruturados no roteiro, com as falas dos entrevistados intercaladas e criando a narrativa e o tom do documentário.

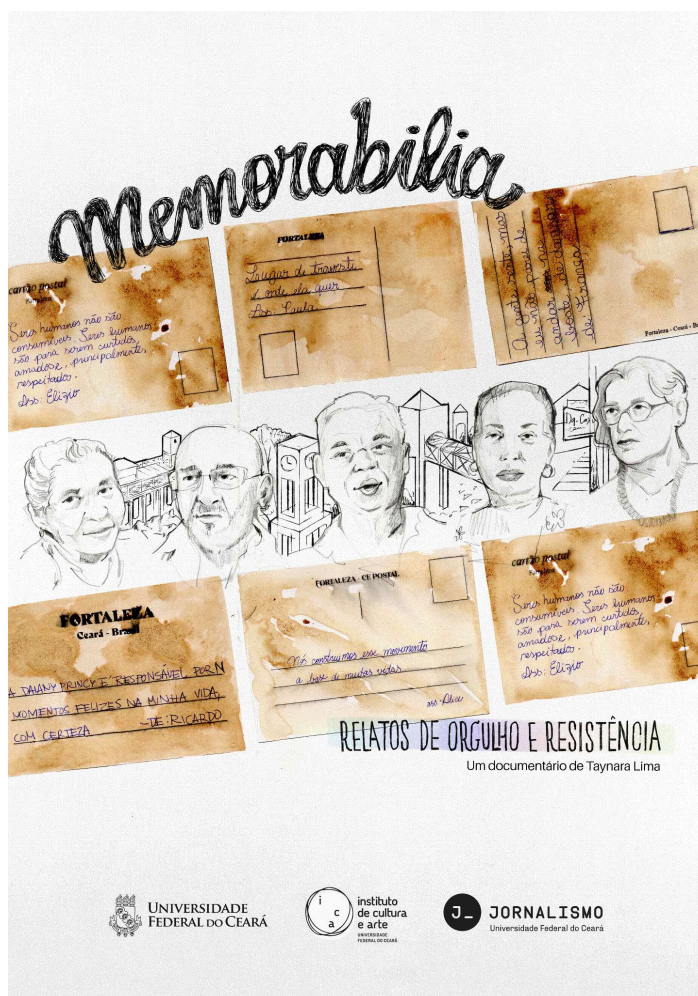
A decisão para o título do trabalho veio após analisar o produto final e conectar com o objetivo inicial do documentário. A palavra “Memorabilia significa uma coleção de memórias e objetos que marcaram a vida de alguém ou uma reunião de lembranças que merecem ser guardadas e preservadas. Nesse caso, os itens importantes são os relatos e depoimentos dos entrevistados.

6.4 Pôster do documentário

Para capturar a essência do documentário, também foi produzido um pôster para a apresentação e divulgação do trabalho. O designer gráfico e ilustrador Gabriel Ferreira foi o responsável pela produção da peça.

Após reunião inicial e o envio de algumas referências, o profissional buscou traduzir o conceito e o tema do documentário de forma visual. Como o enfoque do trabalho são os relatos dos entrevistados, buscando destacar a memória, as vivências e a cidade de Fortaleza, foi escolhido que o cartão-postal seria um dos principais elementos da peça, pensando no campo afetivo e no resgate de lembranças do passado.

Com base nisso, Gabriel buscou outras referências e iniciou os rascunhos, incluindo ideias minimalistas e que destacam o elemento manuscrito. Foi decidido que os cartões-postais contariam com frases marcantes ditas por cada fonte durante o documentário, remetendo à ideia de que aquelas memórias foram escritas pelos entrevistados.



Pôster do documentário “Memorabilia: relatos de orgulho e resistência”
Créditos: Gabriel Ferreira

Para a feitura da peça, foram utilizados os programas Adobe Photoshop e Adobe Illustrator. O pôster também conta com desenhos dos cinco entrevistados e de pontos de Fortaleza mencionados por eles, como o Centro Cultural Dragão do Mar, a Praça do Ferreira e a avenida Duque de Caxias.

Ao invés de uma tipografia específica, o título foi escrito em lettering, evidenciando o sentimentalismo, combinando com o restante do cartaz e induzindo o público a imaginar que aquelas memórias foram escritas por alguém.

Em seguida, foi decidida a melhor forma de dispor as fontes no cartaz. O título aparece em destaque na parte superior do pôster, com os cartões postais alinhados junto aos desenhos das

fontes e dos pontos de Fortaleza, trazendo uma hierarquia de informações, que inicia com o título, os postais, as imagens e o subtítulo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esse documentário foi um dos maiores desafios da minha trajetória acadêmica. Antes mesmo de iniciar a graduação, o interesse pelo audiovisual e pelas possibilidades de contar histórias a partir desse formato sempre me despertou interesse. Ter a oportunidade de finalizar a minha trajetória na graduação utilizando esses elementos em um trabalho motivou a feitura desse documentário, idealizado há mais de um ano antes da defesa.

Inicialmente, decidi que o tema seria ligado à comunidade LGBTQIAPN+, assunto que já abordei em outros trabalhos acadêmicos. Após decidir que o recorte seria sobre idosos da comunidade, devido à importância e necessidade de mais trabalhos sobre a temática, como mencionado anteriormente, decidi delimitar ainda mais.

À princípio, o enfoque seria em idosos de todo o estado do Ceará, com a possibilidade de também apresentar pessoas de outros municípios além da Capital. Porém, devido a possíveis dificuldades em relação à logística e à quantidade de fontes, decidi focar em Fortaleza, com a chance de também abordar as lembranças dos personagens sobre lugares específicos e ressaltar a memória da cidade.

Mesmo com o apoio de tantas outras pessoas que me ajudaram nesse processo, me deparei várias vezes com alguns obstáculos durante a produção, desde dificuldades de logística, de acesso à materiais ou de problemas no funcionamento de equipamentos durante a gravação. Estar tão próxima ao tema também tornou a edição do material um pouco difícil, visto que cada fala tinha um peso e uma importância para quem estava contando aquelas histórias e retirar algo parecia angustiante. Mesmo assim, acredito que foi possível construir uma narrativa concisa, ligando cada um dos temas.

A importância de falar sobre o tema e de apresentar os depoimentos dos entrevistados sempre me motivou. Considero conhecer as histórias de pessoas, muitas vezes desconhecidas, um dos maiores privilégios dentro do jornalismo. Ao longo do processo das entrevistas, foi muito interessante compreender detalhes sobre as vivências de cada um dos cinco entrevistados e, muitas vezes, conectar experiências similares entre as fontes, assim como descobrir relatos únicos. O resultado foi um documentário em que o público pode compreender a importância

da existência de idosos LGBTQIAPN+ na sociedade, bem como de garantir a qualidade de vida, a partir das falas e experiências dessas pessoas.

8 REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Alcina Neto. AZEREDO, Zaida de Aguiar Sá. **Solidão na perspectiva do idoso**. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150085>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

Aguiar Trevia Salgado, A. G., Fernandes de Araújo, L., De Oliveira Santos, J. V., Alves de Jesus, L., da Silva Fonseca, L. K., & da Silva Sampaio, D. (2017). **Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros**. Ciências Psicológicas, 11(2), 155-163. doi: <https://doi.org/10.22235/cp.v11i2.1487> . Acesso em: 20 de setembro de 2024.

BRIGEIRO, Mauro. DEBERT, Guita. **Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 27 N° 80. Outubro, 2012
Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/4ZCPxm3dySBsmm79BJFmmfR/?lang=pt&format=pdf>>
Acesso em: 20 de setembro de 2024,

CARTA CAPITAL. **Linn da Quebrada e o envelhecimento LGBT**. Disponível em:
<<https://www.cartacapital.com.br/blogs/saudelgbt/linn-da-quebrada-e-o-envelhecimento-lgbt/>>
> Acesso em: 26 de setembro de 2024

CRENITTE, Milton Roberto Furst; FILHO, Wilson Jacob. MIGUEL, Diego Felix. **ABORDAGEM DAS PARTICULARIDADES DA VELHICE DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS E TRANSGÊNEROS**. Disponível em:
<<https://cdn.publisher.gn1.link/ggaging.com/pdf/v13n1a09.pdf>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

CRENITTE, Milton Roberto Furst. GOMES, Margareth Cristina de Almeida. REBELLATO, Carolina. **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: Folio Digital, 2021

FEITOSA, Lucas Brasil. JUNIOR, Edivan Gonçalves da Silva. **VELHICES LGBT: INVISIBILIDADES E ANGÚSTIAS SOB O IMPERATIVO DO ENVELHE(SER)**. Revista Desfazendo Gênero, novembro, 2019. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2018/TRABALHO_EV129_MD1_SA22_ID290_01112019224521.pdf> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

HENNING, Carlos Eduardo. **GERONTOLOGIA LGBT: VELHICE, GÊNERO, SEXUALIDADE E A CONSTITUIÇÃO DOS “IDOSOS LGBT”**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/Mw58qyvVjfSQy7hbmmZqLbm/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

IRIGARAY, Rodolfo Herberto. SCHNEIDER, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdthHbLvZPLZk8MtMNMZYb/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

MOURA, Flávia Almeida; ROCHA, Larissa Leda Fonseca. **Memória e história: entrevista como procedimento de pesquisa em Comunicação**. Revista Comunicação Midiática, v. 12, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/49/42>. Acesso em: 27 de setembro de 2024

OLIVEIRA, Michelle Gusmão. In: Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG, 3, 2016, Pirenópolis. **O documentário e suas especificidades**. Pirenópolis, 2016. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/8176>. Acesso em: 27 de setembro de 2024

PORTAL DO ENVELHECIMENTO E LONGEVIVER. **Políticas públicas para apoiar a população LGBT idosa**. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/politicas-publicas-para-apoiar-populacao-lgbt-idosa/>> Acesso em: 20 de setembro de 2024

APÊNDICE A - PERGUNTAS AOS ENTREVISTADOS

1. Primeiramente, você poderia se apresentar?
2. Quais lembranças você tem da sua infância e quais memórias você tem de quando se percebeu?
3. Quando a sua família soube da sua sexualidade, qual foi a reação?
4. Quais memórias você tem de Fortaleza e como era o cenário para a comunidade LGBTQIAPN+ na época?
5. Quais referências você tinha na época, seja de lugares, cantores ou de outros artistas?
6. Caso se sinta confortável em responder, você já sofreu algum tipo de homofobia?
7. Você considera que, atualmente, o cenário para as pessoas LGBTQIAPN+ melhorou?
8. Como é envelhecer sendo parte da comunidade? Há desafios?
9. Existem certos marcadores que destacam a vulnerabilidade do processo de envelhecimento em grupos minoritários. Além da homofobia, de que forma o racismo afeta o envelhecimento de pessoas negras?
10. Como o etarismo contra pessoas LGBTQIAPN+ afeta o psicológico?
11. Você considera que há etarismo dentro da própria comunidade? Por que?
12. Qual mensagem você gostaria de deixar para as pessoas da comunidade?

APÊNDICE B - ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

Legenda:

- : Falas da Alice
- : Falas do Elísio
- : Falas do França
- : Falas da Paula
- : Falas do Ricardo
- : Informações adicionais

Cenas iniciais com imagens da Parada

Texto introdutório:

O Censo Demográfico de 2022 aponta que o Brasil conta com mais de 32 milhões de pessoas acima de 60 anos de idade, equivalente a 15,8% da população.

Em Fortaleza, esse número chega a 365.976.

O censo ainda não abrange dados sobre a população LGBTQIAPN+.

Com isso, há um desconhecimento sobre o número de idosos que fazem parte da comunidade na capital cearense.

Essas são as histórias de cinco deles”.

1. APRESENTAÇÕES

ALICE OLIVEIRA

0:41 - 1:12 Meu nome é Alice Oliveira, tenho 66 anos. Eu sou de São Paulo, mas moro aqui já há 28 anos. Sou fotógrafa e tô aqui fazendo o que sempre fiz na minha vida, que é a minha militância, trabalhar tanto a questão da mulher, quanto a questão LGBTQIAPN+.

RICARDO DIONE - MVI 4006:

0:17-0:36: Eu me chamo Ricardo Dione Barbosa dos Santos. Sou funcionário público estadual há 43 anos. Tenho 63 anos de idade [...] **05:34** Eu tô com 63, a Dayany tem uns 40. Mas ela é jovem ainda, né? É isso aí.

PAULA COSTA

0:12-0:52 Meu nome é Paula Lopes Costa Lima, eu fiz retificação do meu nome civil. Sou uma mulher travesti, tenho 66 anos de idade, sou formada em Serviço Social e sou militante desde 2001 do movimento LGBTQIAPN+ no estado do Ceará. Sou representante da Associação das Travestis e Mulheres Transsexuais do estado do Ceará, desde a criação e agora sou a atual presidente. Nasci em Salvador, mas vivo no estado do Ceará há muitos anos.

ELIZIO LOIOLA

0:18-0:30: Sou Elizio Loiola, sou assistente social, sou um homem de 1,70m, sou pardo, sou careca, uso óculos de grau. Sou um homem que me apresento como uma pessoa gay. A minha idade é 65 anos.

FRANÇA LIMA

00:37-01:03: Meu nome é Francisca de Lima Ferreira Venâncio, porque sou casado, mas eu gosto também quando me chamam de França. Tenho 66 anos, moro no José Walter. Eu me identifico como homem trans, meu nome é Fred, mas eu gosto mais ainda quando me chamam de França.

TRANSIÇÃO

1. RELAÇÃO COM A FAMÍLIA/COMO SE PERCEBEU LGBTQIAPN+ PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

PAULA COSTA - MVI_9187

1:05-1:21 Meu pai era militar e eu vim pra cá com oito anos de idade. Nós viemos de lá para cá e moramos em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, aí voltamos para o Ceará e ficamos no Ceará. Vim de navio com oito anos de idade para o estado do Ceará.

1:21-1:44 Meu pai era militar, muito homofóbico. Eu só assumi com quase 30 anos, porque se ele soubesse, eu acho que ele tinha tirado até a minha vida, porque ele era muito homofóbico. A minha mãe se separou dele e a vida foi mais maleável, mais sensível com a mãe.

1:44-2:44 Eu fui estudar, estudei, trabalhei com 18 anos de idade. Ainda era gay, não era travesti ainda. Trabalhei em algumas firmas e aí fui me assumindo, fui trabalhar na área de salão, trabalhei em salão, gerenciei outro salão e fui me transformando, tomando hormônio por conta própria e me assumi depois de quase 30 anos de idade.

Depois que o meu pai faleceu, foi que eu vim assumir a minha sexualidade. Não fui bem aceito pela minha mãe e eu tive que morar um ano fora de casa. Fui um choque para ela, porque todo mundo na minha casa vivia e convivia com o regime militar e a cabeça da minha mãe também foi na mesma onda do meu pai. Mas depois veio a aceitação, depois de muito tempo. Cuidei dela até os 97 anos, foi uma filha que ela nunca teve.

2:54-3:04 [...] depois que ela faleceu, já está com três, quatro anos, é que eu vim cuidar da minha vida, que eu vim fazer, tomar conta das minhas coisas, ter a minha casa, que eu fui sorteada pelo Minha Casa Minha Vida.

FRANÇA LIMA - DSC_0007

01:15-02:09: Aos nove anos, eu descobri que gostava de meninas. Eu saía de casa com o meu lanche, com duas bananas ou duas maçãs, eu tinha que levar sempre de duas. Eu falava no ouvido dela para sentir o cheiro. Tanto que ela me repreendeu uma vez: “Você poderia falar, porque não falou e ficou me cheirando?”

02:15-03:24: Ainda tentei namorar um rapaz, mas que não deu pra mim de jeito nenhum. Eu nunca consegui ter nenhum tipo de relacionamento com homens. Sempre gostei mais das meninas. Aos 15 anos, eu tive uma paixão, eu acredito que tenha sido uma paixão, porque até hoje lembro [...] A menina morava vizinho a minha casa e eu me apaixonei por ela. Até porque também ela me dava muito carinho, ela me dava muita atenção. Não sei se dessa atenção tinha uma certa “coisinha” do lado dela, por ela ser mais velha do que eu. Não sei, só sei que eu me iludi, sei que eu fiquei apaixonado por ela.

03:25-05:13: E eu fui muitas vezes repreendido pela minha família, porque eu já não queria mais usar as roupas que minha mãe comprava, as minhas calcinhas eu não usava. A minha mãe sempre me apoiou “assim”, porque minha mãe nunca me chamou atenção de nada. Meu pai foi quem me chamou muita atenção, sabe, pelas minhas atitudes, meu jeito. Eu gostava de brincar de bola, é tanto que eu joguei futebol de salão por quase oito anos. Mas ele ia assistir meu jogo. Quando eu ia jogar, ele ia assistir e, quando eu voltava, ele dizia “você deveria ter feito assim, você deveria ter feito isso”, sabe. Ele ia assistir e depois debatia comigo meu erro ou também dizia “ah, foi legal”, também me elogiava.

Até que eu ficava querendo entender porque ele era assim, porque quando não tinha nenhum tipo de nada para falar para mim, ele me tratava um pouco mal dentro de casa. Sabe, assim, se chegasse uma pessoa lá em casa atrás de mim e, se fosse mulher, ele não gostava, ele quem ia atender.

Eu não tenho raiva do meu pai. Por sinal, eu cuidei dele por 11 anos. Ele com câncer e sofreu muito. Cuidei dele sozinho, não tinha mais ninguém e eu cuidei dele. Quem ele mais maltratou, entre aspas, foi quem cuidou dele.

RICARDO DIONE - MVI_4009

0:02: Minha mãe era professora, Sueli Santos, ela tinha um colégio pequeno, Instituto Santo Expedito. Então, nos meus primeiros anos de aprendizado, o doutor do ABC, eu tive como professora a minha própria mãe.

0:22: Desde cedo, eu sempre fui tratado muito especial por essa mãe, porque mãe sente né? Sente tudo. Eu creio que eu pequenininho com seis, sete anos, minha mãe já sabia que eu era diferente, porque eu lembro que ela me forçava muito para estudar. Dizia “você tem que estudar bastante, pra você ser uma pessoa de bem”. Ela não dizia nem o que ela queria que eu fosse profissionalmente, mas ela queria que eu fosse uma pessoa de bem.

0:53 O meu pai também, eu creio que na época ele já via que eu era diferente. Nós éramos quatro irmãos, dois irmãos e uma irmã, eu lembro que os meus dois irmãos iam para o futebol, jogavam tudo, mas eu não gostava de futebol. Aí o meu pai disse assim. “Ah, você não gosta de futebol. É porque você gosta de, na época, tinha bandeirantes”. Eu adorava pular de corda e eu sempre tive aquela coisa... Até hoje, meu pai está com 89 anos e meu pai nunca perguntou assim: “Você é gay?”. Nunca.

Mas, eu sempre fui muito bem tratado pelo meu pai e pela minha mãe. Aos 12 anos, eu perdi a minha mãe, ela faleceu e ficaram os ensinamentos, e três irmãos para eu cuidar.

Quando mãezinha partiu, eu fiquei. Eu passei a me agregar mais com o meu pai. Eu abraçava mais o meu pai, eu cuidava dele. Até porque, quando minha mãe faleceu, ele viciou em álcool, ele bebia muito, mas mesmo ele estando embriagado, ele nunca chegava para ser diferente comigo, muito pelo contrário. Eu digo muito pelo contrário, ele via que eu cuidava dos meus irmãos, que eu queria o melhor para os meus irmãos e para ele também.

03:13: Eu aprendi a cozinhar com 12 anos, eu que fazia almoço na minha casa. Eu ia deixar os meus irmãos no colégio.

Eu lembro até uma vez, já os meus irmãos adultos e eu também. Meus irmãos tinham namorada, minha irmã tinha. Aí, uma vez, a gente estava num almoço e uma senhora, amiga da família disse assim “Ah, que coisa. Rubens já está namorando, Rui já está namorando e eu nunca vi Ricardo com uma namorada”. Aí, eu nunca esqueci isso que o meu pai disse: “Ele tem tempo para namorar não, porque ele já tem os irmãos e a mim para cuidar. Ele gosta de trabalhar, não gosta de namorar não”. E na época, eu já tinha os namorados.

RICARDO DIONE - MVI_4009

7:32: Eu lembro que eu com dez, 11 anos, eu estudava no Colégio Salesiano, que era um colégio que não era misto, tinham só rapazes e tinha aquelas paqueras aquelas coisas e eu ainda fui me meter a ser jogador de futebol, mas eu era o goleiro agora.

Qual o objetivo? Porque naquela época eu já era danado. Porque quando havia o gol, não tem nada a ver o goleiro correr para se abraçar para comemorar o gol. Eu corria para me abraçar com os rapazes tudinho e comemorar o gol.

08:04-8:23 Eu conto isso no espetáculo e o pessoal cai na gargalhada. Uma vez uma senhora que tinha ido com uma amiga disse: “Mas, você inventa cada coisa, né?”. Inventei não, aquilo aconteceu.

ELÍZIO LOIOLA

0:48-01:27: Minha adolescência foi bastante normal, como qualquer outra. Jogo, colégio, curso de inglês, mas muito tranquila, cinema, teatro, que a gente ia, o pai levava.

01:27-02:49: Por volta dos meus 17, 18 anos, eu me encontrei com outros pensamentos, algumas coisas que me eram diferentes. Já tinha tido algumas namoradinhas e, exatamente com 18 anos, foi a primeira questão que eu tive com relação a um namorado. E aí, não teve

muita dificuldade na minha cabeça, mas eu fiquei bastante reflexivo em relação ao que era essa situação. A princípio, eu achava muito tranquilo a ideia de já ter tido namoradas e ter tido um namorado, não era nada que perturbasse.

Posteriormente, eu compreendi que eu tinha uma preferência mais aguçada em relação aos meus pares homens e eu fui tentar ser o mais tranquilo possível. Eu também conheci outros amigos, colegas de colégio e também do curso de inglês e a gente foi percebendo uma coisa. Eu era muito tranquilo, mas os meus colegas eram extremamente, digamos assim... Tinham uma grande dificuldade.

Eu tenho 66 anos e você imaginar uma situação 45 anos atrás. E eu nunca quis esconder essas questões, nunca quis que ninguém chegasse para mim dizendo “Ah, eu vi você não sei aonde”. Não, eu sempre fiz as coisas com muita tranquilidade, né? Se eu ia para um lugar que era eminentemente fe sociabilidade homossexual, GLS, como se chamava naquele momento, eu não tinha nada para esconder, né? Eu tinha essa tranquilidade.

04:18-04:33: Eu acho que eu não sou um grande exemplo com relação a isso, porque eu não tive muitos problemas com relação ao meu pai e minha mãe, né? Pelo contrário, sempre foi muito tranquilo.

ALICE VÍDEO 6 - RELAÇÃO COM A MÃE E ACIDENTE

0:25: Eu sou filha única, de mãe solteira. Nasci no centro de São Paulo, no Bexiga. Então, não tem lugar mais boêmio do Brasil e também naquele momento existia um quadrilátero que era um quadrilátero lésbico. Onde tinham bares, restaurantes, tudo isso funcionando, não 24 horas, né, mas num período muito grande.

VÍDEO 7

03:55-04:36: Eu morava exatamente no meio daquele quarteirão, né? Vou dizer quarteirão lésbico. Então eu andava de manhã, de tarde, de noite, vendo todo aquele pessoal. Eu achava engraçado e interessante, né? Vários tipos de mulheres mulheres de tudo quanto era jeito. Ficava sem entender, mas a gente sabia né? Porque as pessoas falavam de sapatão, mulher macho, entendeu? Sempre falavam isso.

05:30-06:25: Aí, eu tinha uma grande amiga. E essa grande amiga, ela me contava a história toda da vida. Só que ela contava tudo no masculino. Aí um dia, ela me chamou para assistir uma peça, aí eu fui. Ela passou a peça inteirinha aqui na minha orelha, contando de novo toda a história, só que tudo no feminino.

Então, tudo que ela já tinha dito para mim, ela queria falar que era mulheres. Mas ela contou como sendo homem. Aí, quando ela acabou de contar, ela vira para mim e fala assim “E aí, e você? Cadê a tua história?” “História?” “Sim, conta a tua história” “Eu não tenho história para contar” “Claro que você tem”.

ALICE VÍDEO 8 - PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

CONTINUAÇÃO VÍDEO 7 “Eu não tenho. Eu sempre namorei com homens”. E ela não acreditava nisso, achava que eu estava mentindo para ela.

01:13-01:29: Eu faço aniversário dia 7 de agosto e ela faz dia 15 de agosto. Aí ela deu uma festa e me convidou para fazer o som da festa dela. Hoje, eu seria DJ, adorava fazer música e ficar brincando. Nós fomos fazer muitas visitas e convidar pessoas para a festa dela. Todas eram lésbicas e aí nós entrávamos na casa das pessoas, apresentava. A gente ficava lá um tempo. Na hora de ir embora, ela falava “Ah gente, desculpa. Eu errei, eu não contei para vocês. A Alice não é lésbica, ela é hetero”. Cada uma ria da minha cara mais que a outra. Eu fiquei assim meio surpresa e isso foi assim em umas 20 casas.

01:34 Aí, chegou o dia da festa. A festa assim repleta de mulher, tudo lésbica. E eu lá fazendo o som da festa e tal. Estava no cantinho e eu estava em um canto em que eu via todo mundo e vice-versa.

Aí tinha, no canto, uma pessoa, que era uma pessoa que tinha uns 40 e poucos anos. Eu tinha 20 anos, foi quando a brincadeira começou, 20 para 21. E aí ela me olhava, me olhava e não é muito diferente das relações héteros.

E essa figura me olhava, mas ela me olhava de um jeito que aquilo, sabe quando te pega, né? E aí, chegou uma hora em que ela veio na minha orelha e aí falou: 'Olha, eu queria que você

escolhesse uma música.' Falei, uma música? Aí: 'É, eu quero que você coloque a minha música. Você vai saber'.

03:37: Aí, ela saiu e tal. Dei um tempo, fiquei assim e teve uma hora que bateu um troço assim em mim. Eu falei, deixa eu colocar uma música aqui pra ela. E eu coloquei.

Eu acabei de colocar a música e ela falou: 'Obrigada, você colocou a minha música'. Eu achei aquilo tão forte, né? Aí eu fiquei pensando: ela deve estar com lorota pra cima de mim. Mas se criou uma energia tão forte né e quando acabou a festa, ela me levou em casa e a gente ficou se vendo ainda algumas vezes.

E foi aí que eu entendi que eu estava gostando de uma mulher. Para mim, não foi traumatizante, nem nada. Talvez tenha sido mais traumatizante saber que eu não podia ter nada com ela, porque era uma mulher praticamente 30 anos mais velha do que eu, com outra vivência. Mas sentir o que eu senti por ela, sem problema nenhum, nunca foi problema.

Com a minha família, também não. Eu cheguei para a minha mãe, disse “Olha, mãe. Eu tô saindo aqui, o meu endereço é esse, a minha chave é essa. Quando a senhora quiser ir na minha casa, só avisa e bata na porta, para não pegar nada que possa assustá-la”.

2. APROFUNDANDO CADA FONTE

RICARDO DIONE

0:17: A arte transformista veio depois da dança, comecei inicialmente dançando, a convite de uma amiga Sandra Helena, maravilhosa, temos amizade até hoje e ela me convidou para participar de um grupo de dança que funcionava no Centro Comunitário Presidente Médici, ali na Aguanambi

02:12: E aqui, por volta dos anos 80, foi criado um grupo de arte transformista, que era o Metamorfose Show. O Luciano Costa, que era um dos precursores deste grupo, o personagem

central dele era o Ney Matogrosso [...] e eles precisavam de bailarino e foi quando chegaram a mim e fizeram o convite e eu aceitei.

O público gostou. O público hétero e o público gay. Eu diria até que o público hétero foi nos ver primeiro do que o público gay. Foi o inverso, devido à produção do espetáculo. Nós começamos no Teatro Universitário, depois nós fomos para o teatro da Emcetur e pro José de Alencar.

O grupo foi acontecendo, até que a gente pegou e começou, todo mundo na faculdade, todos muitos jovens. Então, não foi uma coisa de ‘Vamos acabar o grupo’, tanto que a gente tem amizade até hoje, mas cada um teve que seguir o seu caminho.

04:26: Mas aí eu me apaixonei por aquela coisa da arte transformista e tinha uma boate gay aqui no Centro, que era a Boate CasaBlanca, foi a primeira boate no segmento LGBTQIAPN+, eu diria. Então, tinha o Gadelha que era o dono da boate e ele era muito amigo do Barná, cabeleireiro amigo em comum e o Barná disse ‘Dione, você devia apresentar lá na boate. Você é muito engraçado, criar um personagem para você’ e eu viajei nessa ideia e criei um personagem feminino.

Inicialmente, eu fazia a Tânia Alves, lembro de uma música que era muito marcante: ‘Pagã’ da Tânia Alves. Depois, com cantoras internacionais, foi a Beth La Belle, eu fazia ‘Two People’. Então, fui para a boate e comecei e era piada. Tanto que eu, na época como ainda hoje eu me conceituo como transformista cômico, porque eu gosto de fazer as pessoas rirem, né? Gosto dessa coisa, dessa pitada.

E as coisas foram acontecendo na boate e eu comecei a pegar aqueles textos que eu usava na boate, encaixar e fazer espetáculos.

Surgimento da Dayany Princy

0:18 Tem uma história por trás da Dayany Princy. Na época da Boate Casablanca, que eu era apresentador, tinha um programa na televisão que acontecia ao meio-dia, era o programa

Irapuan Lima. Hoje em dia, as redes sociais, mas naquela época... Aí, o Francisco Félix, jornalista, soube do sucesso do meu personagem.

Eu não tinha nem nome ainda. Eu simplesmente entrava e qualquer nome que chamasse estava bom, estava ótimo. Chamava de Dione, Dada. Então, o Félix me convidou para fazer uma apresentação na televisão. Foi quando eu fui me apresentar no programa do Irapuan Lima, ao meio-dia. Fiz até a Elba Ramalho, uma produção de um amigo meu e aconteceu.

Aí lá, a doutora Maria Helena, não tô lembrado, eu sei que ela é escritora, ela disse que deveria criar um número, um sketch para todo sábado ter uma apresentação de um transformista.

Aí, o Felix disse ‘E aí?’, e eu disse ‘Seria ótimo’, porque aí a gente divulgaria a Boate Casablanca. Então, ao meio-dia a divulgação para uma boate gay, olha aí o respaldo. Ele disse ‘e como seria o nome?’, e eu disse ‘de quem?’, e ele ‘o seu nome’, e eu disse ‘não sei’.

Aí, o Irapuan disse: “Você é a Mulher Maravilha”. O Irapuan disse “vai ficar Dayany Prince”. Aí pronto, pegou essa realidade e ficou acontecendo.

MVI 4014 - O que a Dayany Prince representa?

0:05-01:31 Eita. A Dayany Prince para mim é energia positiva, felicidade em fazer as pessoas felizes. Quando elas aplaudem a Dayany Prince eu pego aquela energia. A Dayany Prince é essa mulher que eu admiro demais, ela só tem 40 anos, mas ela é danada. Ela vê a parte social, ela quer ajudar, ela se sente útil. Eu diria que a Daiane é uma irmã gêmea do Ricardo Dione, só que de uma versão diferenciada. O Ricardo Dione atua na vida, vai trabalhar, uma pessoa que se levanta que corre e a Daiane ela é muito fina, elegante, ela só existe em cima do palco.

É esse lado estrela, uma estrela que brilha e eu quero que ela brilhe sempre, porque eu incorporo para ela brilhar e isso me faz bem, me faz feliz. A Dayany Princy para mim é isso é energia, felicidade, é ajudar o próximo porque ela pegou essa bandeira das ações sociais. Então, é incrível.

04:30-04:38 A Dayany Prince é responsável por N momentos felizes da minha vida, com certeza.

PAULA COSTA - MVI_9187

4:59-5:16: Todo dia a gente tem que matar um leão para sobreviver. Mesmo sendo travesti nova ou idosa.

Para nós, travestis idosas, que são poucas, você conta nos dedos, é mais difícil ainda uma colocação de emprego

5:39-5:52: E eu consegui me aposentar com direito a 13º e para mim ter a minha casa, moro só e, para mim, foi maravilhoso algumas mudanças, algumas conquistas.

5:53-6:33: Mas tudo eu consegui na marra, indo atrás, no grito. Sempre me esforcei para ter tudo e hoje, mesmo aposentada, e com a idade que eu tenho, eu ainda trabalho. Faço uns bicos, cuido de um idoso, cuido de uma criança, às vezes vou trabalhar em escolar quando tem vaga e tudo, faço bico em feiras, em eventos. Não fico parada. Também faço crochê para vender, trabalho nas feiras LGBTs do estado do Ceará, sou do Movimento Ela do Axé, sou mãe de santo, sou de religião de matriz africana. Há 40 anos sou da umbanda, sou consagrada como mãe de santo.

6:42-6:50 Então, onde tem abertura, a Paula aqui travesti, ela vai atrás do lugar dela, porque lugar de travesti é onde ela quer.

PAULA COSTA - MVI 9188

4:35-5:36: Eu consegui tirar três meninas da prostituição e elas foram fazer Serviço Social na mesma faculdade que eu fiz. Isso para mim foi muito legal também, isso aí também marcou para mim. Três que viviam da prostituição e foram para faculdade, uma faculdade particular que é mais difícil ainda para gente, aí mesmo com meia bolsa, bolsa integral pelo Fies e tudo,

mas eu já ainda essas três meninas me acompanharem para o Serviço Social. Para mim, isso também foi uma conquista.

Eu me sinto realizada na minha casa, o aluguel que eu pago é muito pouco e é uma coisa que é minha, que vai ser minha. O meu maior sonho era ter meu canto, meu espaço. Agora, em fevereiro, vou fazer Enfermagem, já vou para dentro de uma sala de aula, voltar para fazer outra faculdade. Eu vou fazer em Caucaia.

O meu sonho é um emprego, eu quero trabalhar. Para me realizar mais ainda, mais do que ter a minha saúde, tudo, é um trabalho. Eu queria, antes de fechar os olhos, de envelhecer mais ainda, eu queria um trabalho.

FRANÇA LIMA

Quando eu comecei a trabalhar, aos 20 anos de idade, eu já fui morar na minha casa própria. Comprei minha casa e fui morar na minha própria casa, já levando uma garota para morar comigo. E aí, tem os desamores, né? O sofrimento que a gente passa por conta do pessoal, que a gente andava, passava na rua e dizia as coisas com a gente, né?

Cansei de receber esse tipo de agressão verbal. Descendo do trem, o pessoal dizia “vai sapatão”. Eu nunca fiquei calado por nada. Na época em que eu fui morar sozinho, eu levei mais essas coisas. Aí, eu dizia assim “você sabe que eu sou sapatão por quê?”, aí ele dizia “sai, sapatão”, eu dizia “porque eu fiquei com a tua mãe e com a tua irmã”. Eu saía morrendo de medo, mas eu dizia as coisas. Nunca fiquei calado com nada. Nunca fiquei.

E aí, porque também, quando eu comecei a trabalhar eu já vinha das noites, já sabia como era a situação. É você falar e sair fora. Eu fui da noite, eu passava noites e mais noites, depois que eu comecei a trabalhar, eu tinha meu dinheiro, tinha condições de fazer isso. Como também eu tive condições de, quando eu comecei a trabalhar, comprar minhas roupas que eu queria usar. É tanto que fui embora morar sozinho, mais a minha namorada.

ELÍZIO LOIOLA

Eu fiz serviço social [...] o pessoal achava, da minha rua, que eu seria veterinário, porque eu cuidava dos bichos. Eu adoro animal, cachorro, gato, mas uma coisa é um animal, mas eu preferia trabalhar com a humanidade mesmo. Tenho trabalhado nesses 37 anos e seis meses. Trabalhei na Prefeitura de Fortaleza, me especializei em Gerontologia Social e também saúde pública e aí é uma forma de eu me fazer presente na sociedade como um profissional ativo, proativo e principalmente preocupado com a ética da minha profissão, no meu fazer profissional.

Eu também assim grande privilégio de, por exemplo, depois que eu fiz serviço social, entendi muito melhor algumas questões e as intervenções.

Eu também sempre fui um pouco rebelde também nesse aspecto, de, tipo assim, “tá se metendo na minha vida?”. Como um dia no trabalho. “Está aqui ó, o número da minha conta bancária, dê aí, para mim, pelo menos 25% de um salário mínimo. Para se meter com a minha vida você tem que partilhar uma despesa minha”. Tanto faz com que eu me deito ou deixo de deitar e o cara se meter na minha vida particular? Não, de jeito nenhum.

Por isso que eu fiz esse exercício de também, ao longo do tempo, consolidar uma imagem de uma pessoa assumidamente gay, mas o meu comportamento, a minha maneira de ser, a minha maneira de intervir sempre mostrando, claramente, que eu não tenho questões que me proíbem assumir a minha orientação sexual. Eu acho que cada um tem que respeitar os limites de cada pessoa, né? ‘Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é’, não é? Como dizia o verso que a Maria Bethânia fala: “Não me olhe como se a polícia andasse atrás de mim”.

Não é isso. Cada um tem a sua particularidades, cada um tem as suas possibilidades de também sair do armário ou não sair ou continuar no armário. Sei lá. Cada um é que sabe a dor e a delícia de ser o que é.

ALICE OLIVEIRA

1:15 - 1:59 Fortaleza é uma cidade maravilhosa, eu digo que não tem uma cidade melhor para você. É a essência do nome dela. É “Fortaleza”. Fortaleza fortalece. Eu acho que, para mim, aqui tem sido muito legal, onde eu tenho conseguido, de fato... Quando eu paro para pensar

nesses 28 anos que eu moro aqui, sem dúvida nenhuma eu tenho a minha marca, eu deixei, já tenho um legado. Tenho coisas construídas, principalmente dentro da temática LGBT.

1:59 - 2:52 Eu fui a fundadora do primeiro grupo de gays e lésbicas do Brasil lá em 1978, em São Paulo, que foi o grupo SOMOS. Então, são 45 anos de militância, 45 anos que eu venho trabalhando na questão dos direitos humanos, direcionado para a questão da mulher e LGBTQIAPN+, também na questão indígena e algumas outras questões que perpassam na questão dos direitos humanos. Então, essa tem sido minha caminhada, tem sido a direção da minha vida, do meu caminho, criado com muito orgulho.

3. CENÁRIO NA ÉPOCA EM FORTALEZA/LUGARES FREQUENTADOS

RICARDO DIONE

CENÁRIO PARA A COMUNIDADE EM FORTALEZA

07:47 Naquela época, tinha uns barzinhos em Fortaleza. Tinha um bar que era muito assim de acesso que Duques e Barões, que ele funcionava ali na Duque de Caxias. Passou a ter uns shows, as pessoas iam passando na rua, paravam para ver os shows transformistas, porque eram shows que aconteciam na rua. Você tá entendendo? E o Duques e Barões vivia sempre cheio.

ELIZIO LOIOLA

02:34-04:21: Era muito interessante, era um bar berto, né? Não tinha nada de masmorra, como alguém pudesse pensar e que a gente ia lá para encontrar com os amigos e, depois, cada um ia fazer outras coisas, né? Sei lá, namorar, ia para outro lugar.

FRANÇA LIMA

05:38-07:06: Tinham duas barracas na Praia do Futuro, duas juntas uma da outra. Era a Lenita Costa e a Barraca da ,na Praia do Futuro, que era lotadinho. A Barraca da Jô era uma barraca para pessoas mais idosas assim como eu, sempre pessoas de mais idade, não ia ‘garotinha’, eram mais casais. Já na Lenita Costa, era forrozão, era muita coisa, era bem aberta.

07:08-07:20: Mas era muito bom antigamente. E as boates de Fortaleza todas, é porque eu não lembro mais o nome. Eu acho que quem deve ter falado o nome das das boates ‘tudinão’ é o Ricardo Dione, porque ali é inteligente, viu? Ele sabia o nome de todo mundo que andava na praça.

Transição para a fala de Ricardo

RICARDO DIONE

Depois, teve o bar do Netinho também na Duque de Caxias. Então, a Duque de Caxias era aquele point das pessoas estarem ali, mas sempre com um grau de muita respeitabilidade. Eu sempre costumo dizer que quem está no palco quer brilhar, porque o talento, a versatilidade, o glamour faz o artista brilhar. E quem está na plateia está ali para se encantar com o espetáculo. Eu sempre costumo dizer isso, porque eu acho que essa troca é muito legal, o artista tem a obrigação de dar o máximo, porque o público que tá lá ele quer te ver o máximo.

08:56 Então, teve todo esse crescimento, né, desses barzinhos que começaram a ter esses shows.

Outra também que eu vejo assim com grande crescimento, que começou também na minha época, que é o Joca. João Joca, dono da barraca O Joca, que é uma barraca do segmento que é ali da orla marítima, que teve também muito destaque e começaram os shows a acontecerem lá.

PAULA COSTA

Lugares da comunidade em Fortaleza

8:04-8:36 Na época, nós tínhamos uma casa de show. Casablanca, na Duque de Caxias, nós tínhamos o Bar do Netinho, na Duque de Caxias, um barzinho bem apertadinho e tudo. A polícia ia lá. Tinha o Bar do Fontenele, na Imperador. Bar do Amadeu, também na Duque de Caxias, embaixo do prédio Jaucir, que moravam muitos homossexuais nesse prédio. Pessoal também chamava de “balança, mas não cai”, botaram um apelido, uma coisa pejorativa, porque tinha tanta lésbica e gay que o prédio as vezes balançava.

8:37-8:55: Tinham vários desses pontos. Duques e Barões, também na esquina, que agora é uma farmácia. Na praça do Carmo, na esquina com o Banco do Brasil, ali na Duque de Caxias. Tinha vários pontos e esses pontos sempre incomodavam a polícia, de ir lá para mandar fechar, para mandar todo mundo embora.

9:11-9:23 As pessoas eram todas detidas, porque era proibido gays, lésbicas e tudo. **Beber, se divertir, conversar, namorar, se beijar. Para a gente, era proibido.**

9:31-10:04 [...] Era sempre a gente atento. Quando chegava, todo mundo já corria e tudo para não correr, para não ser preso. [...] Não tinha conversa, não tinha diálogo. Alguém denunciava e eles iam, como se tivessem fazendo alguma coisa errada, porque se divertir, beijar, abraçar, não é nada errado.

FRANÇA LIMA

07:30-07:57: Na Praça do Ferreira, tinha o Lorde Hotel. No Lorde Hotel, tinha um bar que se chamava “O Bom Baiano”, lá era frequentado mais pelo público masculino, mas eu sou gaiato e eu entro em todo canto.

08:03-08:13: Aí, eu ia, a gente bebia umas ‘cachacinhas’ por lá, depois a gente ia para a Duque de Caxias, que lá tinha muito bar, tinha o Casablanca. Aí, a gente ficava ali bebendo umas ‘cachacinhas’, subia pela Duque de Caxias, ia continuar o resto da noite de sexta-feira e terminava no sábado de manhã.

4. MISS GAY CEARÁ

RICARDO DIONE

10:16: Naquela época, era muito pulsante essa coisa da homofobia, da aceitação.

Então eu tinha um amigo meu também é memória - já partiu um bocado de gente - Aloísio Silva juntamente com Roberto Barbosa, também em memória - engraçado, esse documentário vai ser ótimo - que já partiu também, que era Roberta Wermon. Eles idealizaram o Miss Gay do estado, que inicialmente era “Miss Gay Abolição”, para você ver como o termo era pesado, porque não podia usar ‘Miss Gay Ceará’, muita gente ia pegar aquela coisa ‘Por que gay? Todo Ceará é gay?’. Era muito complicado.

10:57: Aí eles levaram a ideia para mim, já tinham feito, o Miss Gay já tinha acontecido. Isso, lógico, foi juntamente com os concursos, os espetáculos, já vinha essa ideia que eles me levaram para boate Casablanca. O Aloísio disse assim: ‘Dione, eu não quero mais fazer esse concurso, é muito complicado. A gente faz em um sítio distante. Basta alguém ligar e dizer que está incomodando, a polícia vem e bota todo mundo para correr, então é muito complicado’. Eu disse ‘É complicado, não. Vocês tem que tirar do sítio e levar para os teatros’. [...] Foi quando eu fiz o Miss Gay Ceará, foi 1982 ou 83 no Teatro José de Alencar.

13:55 Eu fiz o Miss Gay Ceará, no Theatro José de Alencar nos anos 80, e foi muito bonita a festa. Um público maravilhoso. E foi acontecendo. Dos teatros eu passei para as grandes casas que tinham aqui na cidade.

14:37 Até que eu resolvi voltar de novo para o Teatro. Aí voltei para o Centro Dragão de Arte e Cultura, teatro de lá que cabem 265 pessoas. O espetáculo era no domingo e na quinta-feira não tinha mais nenhum ingresso. Então, foi muito legal, eu me senti. Já imaginou? Botar nas redes sociais “ingressos esgotados”. Também o teatro era pequeno (risos).

Eu me empolguei e quis levar para um teatro bem maior e foi pro Cineteatro São Luiz. Foi uma festa maravilhosa.

Aí eu senti a necessidade, como já eram 40 anos do evento, de voltar para o Teatro José de Alencar. Então fizemos os 40 anos no Theatro José de Alencar

16:06 Desses 40 anos, como eu disse, pulsava muito forte nos anos 80 essa coisa do preconceito. Então, me veio uma ideia porque mãe é mãe. Deixa eu dizer que mãe é o máximo e a mãe de alguém do segmento LGBTQIAPN+, ela é o máximo mais alguma coisa. Então, me veio a ideia de todo ano o Miss Gay ter uma madrinha,

Então, eu tenho muito orgulho dessa parte de ter 40 madrinhas. Dentre essas madrinhas eu posso citar, por exemplo, a nossa primeira madrinha nos anos 80, que em memória já está no reino do céu. Era a doutora... meu deus esqueci agora [...] Então das madrinhas que nós já tivemos doutora Clara Leite, doutora Socorro França, doutora Glaura Ferrer. Enfim, são muitas as madrinhas. Esse ano, em 2023, nós tivemos como madrinha a primeira-dama do Estado, Lia de Freitas maravilhosa, foi lá. E a gente já tá aí vendo quem vai ser a madrinha da quadragésima primeira edição. Então, eu acho que ter a respeitabilidade por ter essas mulheres na frente.

27:27 Então, isso me faz feliz, porque agrega pessoas. Eu acho que o mundo é de pessoas.

5. INÍCIO DA LUTA/CRIAÇÃO DO GRAB

ALICE OLIVEIRA

“O que te fez permanecer na cidade?”

2:17-3:19 Olha, eu cheguei aqui em 96, 95. Eu já venho de uma militância lésbica muito forte. Tinha começado a militar em 78. Então, de 78 a 95 tinha praticamente quase 30 anos. E a mim espantava muito que aqui não tinha nenhum grupo organizado de lésbicas, né? Existiam barzinhos, que a gente chama de gueto. O bar A, o bar C, a barraca de praia e tal. Mas, as mulheres não eram organizadas. Elas nem sabiam o nível de articulação que existia tanto no Brasil, como fora do Brasil.

3:20-3:53 No Brasil, você já tinha encontros brasileiros de lésbicas, né? Você tinha encontro Latino-Americano e Caribenho de Feministas Lésbicas e aqui não tinha nada, né? Então, quando eu colocava isso, as pessoas me olhavam com uma cara assim tipo: ‘Não tô entendendo nada que ela tá falando’. Era uma coisa assim estranha, absurda, né? Mas é importante dizer que a gente nunca deve esquecer que todo o início da nossa militância ela se deu debaixo da ditadura.

Não é como agora que tá tudo mais tranquilo, onde você pode pegar na mãozinha da menininha, da gatinha, dar um beijinho nela. Não.

Nós estávamos dentro de um bar, aquele bar era invadido e todo mundo era preso. Não importava se trabalhava, se não trabalhava. Todos nós éramos presos, porque a ditadura colocou isso. Então, ela era extremamente repressora, ela repreendia todas as travestis. Elas entravam nos espaços e prendiam todo mundo. Então construir esse movimento, nós construímos esse movimento o que eu chamo do alicerce dele, à base de muitas vidas, de muito sangue porque teve pessoas que morreram, teve pessoas que foram internadas e tomaram choque para deixar de ser gays, deixar de ser lésbicas, deixar de ser travestis. Então

isso é muito importante, porque hoje, se nós estamos começando a levantar as paredes desse movimento, tem que lembrar que o forte de tudo é o alicerce.

PAULA COSTA

3:38-4:03 Antes, a vivência das travestis e da nossa população, tudo era proibido. Da gente ter o lazer, de beber, de conversar com os amigos e se reunir. Tudo era proibido pela polícia. A gente era espancada, presa, ficava três, quatro dias presa na cela.

4:25-4:33 Então, a vivência antes foi assim... Eu peguei o final da ditadura e foi muito dolorosa, foi muito cruel.

6. Início da luta LGBTQIAPN+

PAULA COSTA

11:23-11:57 Eu já iniciei no Grupo de Resistência Asa Branca, o primeiro grupo do Estado do Ceará, que lutava pelo pessoal com HIV, que eram mais gays, tinham poucas lésbicas e tinham poucas travestis.

Aí, a união faz a força. A gente foi para se unir com esse grupo, esse grupo se fortificou GRAB e aí a Atrac (Associação de Travestis) foi criada dentro do GRAB. Aí, eles já tinham projetos, eles conseguiram alugar casa, fazer projetos, conseguir projetos com o Ministério da Saúde com verbas.

12:03-12:48 Até hoje, é o GRAB que mantém a Parada LGBT do Ceará, onde várias outras instituições foi criada lá dentro e a Atrac, na época, eu era coordenadora-geral, já fui secretária, participei da fundação dela em 2001 e, agora, com o afastamento da nossa terceira... A primeira faleceu, Janaína Dutra, a segunda foi Thinna Rodrigues, que morreu de Covid, era uma guerreira, uma travesti negra, periférica. Tivemos agora Andrea Rossati também, que agora está no governo e se afastou e, com o afastamento dela, como eu era vice, eu assumi a presidência da Atrac.

ELIZIO LOIOLA - MVI 4021

0:32-2:30: O GRAB, que eu faço parte há muito tempo a partir de um convite de um amigo, foi criado basicamente com relação ao grande preconceito que existia ao surgimento do HIV, Aids. Teve uma explosão do mundo, “peste gay” chamada e aí a gente observou que tinha bastante preconceito, né? E já tinha um movimento em São Paulo, no Rio, e aí a gente resolveu criar o Grupo de Resistência Asa Branca.

Foi o responsável, por exemplo, nas últimas 23 Paradas da Diversidade Sexual do Ceará. Pega logo como exemplo a questão da Parada da Diversidade. Nunca se chamou “Parada de Orgulho Gay”, porque a diversidade humana é muito mais ampla do que a minha possibilidade de intervir na sociedade como homem gay. A diversidade faz parte da humanidade, tá? Então, a gente nunca... e teve discussão sobre isso. “Vai ser Parada da Diversidade do Ceará” e sempre foi, até hoje..

4:10-5:05: Hoje, a gente precisa fazer muita coisa e precisa estar bastante envolvido em outras questões. Mas, posteriormente, tiveram algumas outras respostas com as gestões públicas. Hoje, no estado do Ceará, você tem, não só na cidade de Fortaleza como em várias cidades do interior, coordenadorias, tem alguma coisa específica com relação ao trato da população especificamente que o GRAB assistia antes.

5:30-5:58: No caso do Ceará, nós somos o único estado que tem hoje uma coordenação na cidade de Fortaleza, uma secretaria, e também tem essa Secretaria de Estado do Ceará. E também temos dois conselhos, conselho Municipal LGBTQIAPN+ e tem o do Governo do Estado do Ceará, que tem o conselho também de políticas públicas para a população LGBTQIAPN+. São, de fato, resultados desse trabalho que foi iniciado no GRAB há 30 anos. Então, isso é uma forma que a gente vê como resposta.

6:19-6:26: Só que eu penso que não pode baixar a guarda de jeito nenhum. Eu peço, inclusive, que o pessoal mais jovem precisa estar mais por dentro dessas instituições. Acho que a universidade tem um papel fundamental. Eu fico muito satisfeito, por exemplo, quando nós temos aqui no CRESS (Conselho Regional de Serviço Social) um Grupo de Temático sobre diversidade. E aí, nós chamamos para uma reunião e foi muito interessante, gente da UFC, gente da UECE, que tem comitês, que tem grupos temáticos, grupos de estudos com relação à diversidade. Isso é interessante.

7. MUDANÇAS NO CENÁRIO PARA A COMUNIDADE

RICARDO DIONE - MV 11

0:00 Eu volto a dizer, teve uma super evolução, olha os anos 80 e você olha a atualidade agora tá entendendo. Sempre teve pessoas no mundo do segmento LGBTQIAPN+ em todas as profissões, mas agora abriu mais essa realidade, tá entendendo? Eu faço parte do sindicato do Mova-se, que é o Sindicato dos Funcionários Públicos Estaduais, que eu tenho a honra de ser diretor de Diversidade.

0:39 Olha aonde eu cheguei. Aquele garoto que fazia dança, que foi ser contínuo, que foi subindo na secretaria, que entrou pro sindicato, que hoje é diretor de diversidade do maior Sindicato do Estado do Ceará.

FRANÇA LIMA

0:07-01:59: Eu penso assim, porque, hoje, a gente já fica muito próximo da nossa namorada no restaurante. Hoje, a gente já pode andar até de mãos dadas. As pessoas, às vezes, ainda olham. Eu vejo dois garotos andando de mãos dadas e o pessoal olha, mas também não estão falando muita coisa. Hoje, está melhor, porque nós já lutamos muito para isso. O tanto que a gente já sofreu é como nós estamos lutando por isso, porque o tanto que nós sofremos é o tanto que nós estamos lutando e nós não vamos desistir de jeito nenhum

PAULA COSTA

13:13-13:41: Nós temos o Comitê de Empregabilidade LGBT do Governo do Estado, nós temos o Conselho LGBT contra discriminação e racismo LGBT do Estado do Ceará e temos a Secretaria [da Diversidade], que a secretária é a Mitchele Meire, que ela é lesbica e ela também é presidente do Conselho e também faz parte do Empregabilidade.

14:11-15:23: Como a gente não tinha nada. Nunca teve nada voltada para as travestis, para essa população que é tão estigmatizada, e esmagada, invisibilizada pela população, então o Governo, a Secretaria, está fazendo alguns projetos específicos para as travestis, porque a travesti não quer ser só cabeleireira, não quer só fazer é salgadinho.

As travestis querem ser atendentes, trabalhar numa pousada, trabalhar numa montagem de computador e marketing, quer um curso de inglês para poder ser mais fluente e ter um espaço melhor.

Foi-se o tempo que só queriam agradar as travestis com curso de cabeleireira ou cozinha ou salgado. Não, nós queremos muito mais, nós queremos curso de inglês, um curso de elaboração de projetos, né? Nós queremos chegar lá em cima, onde todo mundo pode ter os seus cursos, nós queremos também da mesma forma.

RICARDO DIONE

Perante uma sociedade, nós somos todos iguais. Estamos evoluindo e temos que conviver, no princípio do respeito pelo respeito. Então, eu vejo o seguinte: evoluiu muito, mas podemos evoluir mais.

8. LUGARES QUE AINDA FREQUENTAM/ETARISMO NA COMUNIDADE

ELIZIO LOIOLA

00:31-01:38: Eu não frequento a noite a um certo tempo. Eu sou meio tranquilo, mas eu vou aí a tudo que eu posso também. Mas, o que eu sou informado é da dificuldade que se tem de ir a lugares de sociabilidade. As pessoas precisam ter, principalmente dentro do próprio subgrupo, acho que, principalmente, homens gays têm uma dificuldade enorme com a questão do envelhecimento.

Existe uma exacerbação da força corpórea, a questão que só o jovem é que é tesão, que tem tesão. Eu acho que pensam que um homem de 65 anos não mantém relações sexuais, mas a gente mantém, né? É tranquilo, alguns probleminhas assim a gente resolve. Mas, isso faz parte também, não é da pessoa, mas também de todo um sistema, que faz com que isso se reproduza no cotidiano das pessoas,

FRANÇA

05:14-07:22: Não sei se vai entrar nesse contexto, mas eu acho que sim. Eu fui para a Boate Valentina. Eu não estava com cabelo branco assim, porque o meu cabelinho está branco assim porque ele é branco mesmo e, como eu estou acidentado, eu não estou pintando ele, mas eu pinto ele. Eu com o cabelo pintadinho, mais arrumadinho. Meu cabelo é bem encaracolado, a coisa mais linda. Eu fui com um bom perfume, fui bem arrumado, mas eu senti um certo olhar de desprezo de certas pessoas, não dos meus amigos, porque eu tenho muitos amigos, a maior parte dos transformistas que vão para a Valentina me conhece, muita gente me conhece ali.

E aí, eu notei os olhares de desprezo para mim, entendeu? Por eu ser idoso e tudo, mas onde é que eu estou fazendo mal a eles para eles olharem para mim?

Eu estava até dizendo um dia desses, as pessoas olham para um idoso como se não valesse nada, fosse descartável [...] Eu me senti muito mal quando eu fui na Valentina, mas o povo da Valentina não tem culpa, meus amigos transformistas que eu fui assistir o show deles, eles não tem culpa, né? Quem tem culpa são essas pessoas que eu não sei nem dizer o que são, porque eu não sei dizer certas palavras. Eu não sei falar bonito, mas eu vejo pessoas tão ridículas, que veem um idoso como eu bem arrumadinho, bem cheirosinho, bem arrumadinho. Cheguei em um bom Uber, comprei minha entrada de R\$ 35, não pedi nada a ninguém e quando eu entro lá, o pessoal faz “assim” para mim.

PAULA COSTA

23:32-24:35: A população LGBT, assim como a hétero, todas elas têm os grupinhos, tem panelinha. Todas elas têm a coisa do bullying, um um gay já velho as pessoas chamam de “maricona” e chama no pejorativo, né? Dá o nome de maricona, só porque ela é uma idosa, é

um gay já de idade. As travestis chamam de “travesti velha”, “ei, velha”, por que não chamam “ei, Paula?”. Eu tenho nome. Eu não fiz a minha retificação com “velha”, eu fiz com Paula.

7:08-7:47: Nós idosas, também, nós somos incomodadas demais, porque acham que o idoso, tanto hétero, como cis, como LGBT, não pode namorar, não pode ter vida sexual ativa. Acha que parou tudo, acha que está velha e que tem que esperar pelo caixão, pela morte, pelos sete palmos de terra nos peitos. E não é assim.

FRANÇA LIMA

07:53-09:10: Eu senti várias vezes olhares de desprezo comigo por onde eu passava. Inclusive, uma amiga minha, que eu conheci lá, até disse assim... Uma menina veio chamar para dançar e ela disse assim “vai dançar com França” e ela disse “eu mesmo, não”.

Quando chegou uma sapatão bem novinha, ela dançou a noite todinha com essa menina e ainda ficou com ela. Eu não ia ficar com ninguém não que eu não tenho interesse de ficar, eu sou casado, porém separado, mas eu não faço questão disso, não. Eu notei os olhares dela de desprezo para mim e foi muito.

Quem me puxou para dançar foi uma pessoa quase da minha idade, uma moça que tava lá me chamou e dançou. E como eu sei dançar, aí pronto, ela não quis me soltar mais porque eu danço do forró à gafeira, eu só não sei dançar mais o frevo. Não aguento mais pular, mas eu dançava até frevo.

RICARDO DIONE

05:15-08:01: O Gurgel do Amaral faz a Feira da Cosmética do Centro de Eventos e eu faço o concurso direcionado só para rapazes héteros, que é o concurso Gatão Ceará.

Eu fiz o espetáculo, foi o espetáculo “Anjos”, foi muito bonito uma superprodução. Me convidou: “Dione, eu queria que você fizesse abertura lá no centro de eventos da feira com os rapazes fazendo essa música”. Um espetáculo muito bonito que era a música Aleluia. Foi um espetáculo muito bonito e muito apreciado da época, foi lá no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

E o que que aconteceu? Chegou uma pessoa transformista da atualidade e fez esse comentário, que chegou ao Gurgel e chegou a mim. Simplesmente eles comentaram no grupo e você sabe que grupo de WhatsApp você colocou não tem como dizer ‘é mentira’. Está lá. Ele disse “Olha, eu não entendo gente”. Por isso eu digo, o mesmo segmento é o que degrine. “Gente, eu não entendo. Com tanta bicha bonita, Não vou chegar conversando até viado. Quer ser uma brincadeira antes de consideração, mas se referindo ao artista não podia ter sido assim. “Eu não entendo, como é que tanta pessoa bonita, lindíssima, o Gurjão coloca aquela ‘cabra velha’ com mais de 60 anos para abrir”.

Por que tinha que ser uma nova? A nova teve essa ideia? A nova fez essa produção? É uma falta de respeito do segmento com o próprio segmento. Por que o Gurgel do Amaral tinha que contratar para abrir a feira alguém que tivesse 18, 19 anos se ele acompanha o meu trabalho desde quando eu tinha 18, 19 anos e ver que eu, aos 63 anos, continuo com a mesma responsabilidade, com a mesma energia, com as mesmas ideias criativas?

ELÍZIO LOIOLA

07:00-09:10: É fundamental você se imaginar, como dizem alguns estudiosos, você tem o seu corpo a oferecer carinho, afeto e gostosura. Então, vamos ver como é que está aí a situação desse mercado, também. Parece que tudo é um mercado, tudo é uma estante onde você é tirado e colocado como objeto de consumo e os seres humanos não são consumíveis. Seres humanos são para serem curtidos, para serem amados e, principalmente, para serem respeitados, né? Diferentemente de qualquer outra coisa.

“Ah, não gosto de homens com mais de 50 anos”. Querido, ótimo, você tem assim milhões de meninos aí para transar, para namorar, fazer o escambau. Agora também não se dê o direito de debochar de um homem que tem 50 anos, porque você vai ter 50 anos se você tiver o privilégio de chegar a 50 anos.

RICARDO DIONE

8:30-9:37: Se eu cheguei a essa idade com tantos momentos maravilhosos e estou tendo a felicidade, com essa idade, de estar abrindo um evento desse porte, eu vou me irritar com

alguém que está começando agora e que já se julga mais importante do que eu em cima do palco? [...] Então as pessoas têm que começar a ter esse senso de eu vivo em sociedade e em sociedade a gente tem que respeitar quem começou tudo isso.

PAULA COSTA

19:26-21:02: Eu consegui e são poucas que conseguem. Envelhecer como travesti, como mulher transsexual é meio difícil. Precisa ter cabeça, lutar, querer sobreviver e não ir para a prostituição [...] Nós temos dois caminhos quando é colocado para fora de casa: a prostituição e da prostituição puxa para as drogas e para tudo mais que não presta. Aí, você tem que se segurar para ter uma dignidade, com uma pessoa que queira trabalhar, que queira ter a sua casa, seu lar, que foi a minha conquista.

Tem aí uma estatística que as travestis só chegam a 30 anos, mas eu acho que vai até 40, 50, mas a estatística está para 30 anos. Muitas delas não passam, porque muitas delas não têm apoio da família, muitas não têm apoio de amigo, vivem em casa de cafetina, casa de prostituição. Têm que trabalhar todo dia para pagar sua diária, né? Aí, muitas, para passar o frio da noite, bebem ou utilizam drogas. É difícil, têm poucas que escapam desse mundo da drogas e do alcoolismo.

Para mim, não. Eu superei até agora, eu mesmo me acho uma guerreira, eu me superei até agora, né? Ainda lutando por um emprego. Com essa idade ainda... Antes de morrer, queria ter estabilidade do emprego, né? O meu sonho é ter um emprego de carteira assinada, depois da idade que eu tenho. Mesmo aposentada, mas eu quero trabalhar ainda.

ALICE OLIVEIRA

Ser LGBT é muito complicado. Agora ser LGBT com mais de 60 anos é muito pior.

É muito pior. Você vai ter problemas na área da saúde, na área da segurança, se esse LGBT provavelmente já foi expulso de casa, tá certo. A grande maioria foi expulso de casa, então tiveram que se construir sozinhos na vida, tiveram que se construir com os seus amigos, mas chegou uma certa época, parece que o teste de validade acaba, né? Aí quando o teste de

validade acaba aí ela vem: diabetes, pressão, outras doenças mais graves. Pode vir, como também pode não vir né? Mas se vier, como é que vai fazer? Como é que essa pessoa, se amanhã ou depois tem um AVC. Uma travesti, hoje, tem um AVC. Então, ela usa o nome de Paulete, o nome social dela, e ela acaba tendo que ir para uma casa de repouso. Tem casas de repouso que, nada mais nada menos, exige que essa pessoa não use mais o seu nome social, que use o nome de batismo, que é o nome morto.

ELIZIO LOIOLA

03:06-03:43: Aí, você imagina como é a relação de um homem lá da periferia da cidade de Fortaleza, que mora em um quartinho, que as relações de família foram cortadas ao longo do tempo. Aí, você pode ver que não é uma questão nada agradável. Você precisa ter uma rede de apoios, né? E esse esse apoio dificultoso conforme a renda da pessoa e conforme as relações que construiu, mas de fato é complicado de fato é complicado. Você precisa ter um reforço muito grande.

03:44-04:40: E as instituições públicas, de um modo geral, elas não conseguem amiúde trabalharem as especificidades dos grupos da sociedade. É muito estanque, é muito sedimentado, é um preconceito bastante expresso. Uma das questões mais sérias que nós temos visto é exatamente no atendimento público. O atendimento público é muito seletivo, é muito preconceituoso e pensa que a humanidade é um padrão.

PAULA

15:35-16:32 Eu tive um problema no cartório, da atendente evangélica que não quis receber minha documentação e recebeu de outra pessoa, né? Que não era travesti, era mãe de uma travesti e o atendimento entre eu e ela foi diferenciado. Foram recebidos os documentos da mão da senhora e do meu não né? Aí, teve essa diferença e ela ainda olhou para mim assim que até uma senhora das Mães da Diversidade e ela disse ‘Tá tudo bem?’ e eu disse “Não, porque ela não recebeu minha documentação e recebeu a sua”.

17:35-19:04: Nos postos de saúde, mesmo a gente tendo retificado em tudo tem essa coisa do embate, daquela coisa de você falar lá na hora.... O atendimento também às vezes quando ela sabe é Muitas, às vezes vezes, não conseguem ainda, como a gente diz, passar despercebida

que é travesti. Aí, mesmo a travesti com o nome dela retificado ou com o nome social, ou quando tem o nome social e que ela tem que entregar a identidade com o nome antigo, ela faz questão de chamar pelo nome masculino. É um constrangimento que a gente sempre sofreu, mesmo a gente fazendo a retificação.

Em alguns lugares, ela sabe que o meu documento está como feminino, mas elas falam “ele”, mesmo a gente tendo mudado a documentação, ainda tem esse artigo. Isso incomoda a gente ainda, principalmente no atendimento. A gente ainda tem esse constrangimento.

9. DEMANDAS DA COMUNIDADE

ELÍZIO - mvi_4025

02:32: A qualidade de vida do Brasil atingiu um nível bom, internacionalmente falando. 74, 73 anos é uma qualidade boa, mas que tipo de assistência essa pessoa recebe? Do que adianta acrescentar esses anos na vida e qual é a qualidade de atendimento que ela tem do gestor público? Qual é a qualidade de vida que ela tem no hospital, no transporte? Como é que se diverte? Qual é a questão da alimentação dela? O dinheiro dela é R\$ 1200 reais, é suficiente? Não, não é. Então, essa rede de apoio é bastante frágil e é uma questão que deve ser construída no dia a dia ainda. Por exemplo, Fortaleza não tem uma instituição de longa permanência, a Prefeitura que eu falo. Você tem vagas em uma grande instituição de longa permanência.

03:00-5:00: E aí, dentro desse grande universo de pessoas, não tem como você amiúde fazer separações. Existem constrangimentos, existem histórias que os profissionais e as profissionais relatam, mas que, de um modo geral, são tidas “passando pano no gelo”.

Tive um relato também de uma colega de uma instituição de longa permanência, em relação aos laços que são realizados, a partir dessa ida das pessoas para essa casa. E aí, ela dizendo que é um pouco mais tranquilo a relação entre mulheres, que percebe muito afeto. Coisa que, nas masculinidades, é complicado, porque se foi proibido ser afetuoso com outro homem.

Aí, você imagina o que é um homem de 70 anos e que foi proibido a vida toda de demonstrar um afeto por outro homem e na instituição de longa permanência, como é que vai ser? Inclusive, já soube de relatos de agressão física, porque um homem que não imaginou a possibilidade de outro demonstrar afeto por ele, o agrediu fisicamente. Quer dizer, é um universo que ainda precisa ser extremamente cuidado, elaborado e estudado.

ALICE OLIVEIRA - VÍDEO 5

Jamais eu poderia estar no meu lugar de conforto e não pensar nessas pessoas, nessas companheiras, nesses companheiros e tentar lutar por eles para que eles tenham um lugar digno, para que eles tenham uma vivência digna, cuidados dignos, para que tenha uma velhice minimamente prazerosa. Com respeito. É isso que é necessário, respeito acima de tudo.

Então, a batalha é muito grande e somos nós que temos que fazer essa transformação, somos nós LGBTs que tem clareza que tem condição que tem toda uma possibilidade de trazer a tona e fazer com que as pessoas, os gestores entendam a importância de se ter um abrigo, uma casa de repouso que respeite esse processo, porque senão você tá matando essa pessoa.

Então, a gente tem que entender que tem pessoas que estão na sua terceira idade, já entraram em 60, que graças a Deus está vivendo muito bem obrigado. Não são afetados, têm plano de saúde, tem tudo, mas a grande maioria não tem e a gente precisa olhar para esse povo que não tem absolutamente nada.

ELIZIO LOIOLA

05:04-06:13: 16% da humanidade brasileira tem mais de 65 anos, 65 anos para cima. É muita coisa. Como é que essas pessoas vivem? Como é que elas interagem. Como é que elas trocam informações? Dentro desse universo de 16%, qual é essa população que é LGBTQIAPN+.

08:49-09:45: Essa falta de dados representa a impossibilidade de construir políticas públicas que, minimamente, pudessem favorecer. Quantas pessoas deverão procurar instituições de longa permanência com essa característica aqui? Ninguém sabe. Quantas pessoas poderão

acessar o serviço público, imaginando que não vão ter acompanhantes, porque não tem um companheiro ou uma mulher que não tem uma companheira?

Tudo isso reflete nessa inconsistência de dados, que ainda é um grande trabalho para o censitário do Brasil e também para quem trabalha com políticas públicas que tem um pouco mais de seriedade. Fazer só por fazer, todo mundo faz. Agora, quando você quer fazer algum recorte com mais tranquilidade, com mais respeito e com projeções para a sociedade, você encontra barreiras.

ALICE OLIVEIRA- VÍDEO MVI 8952

0:27: Então, eu acho que nós desenvolvemos, nós crescemos, mas nós temos muito para crescer. Nossa, nossa, olha eu sou otimista, muito otimista. Eu nunca imaginava que nos meus 66 anos eu ia poder ver gays, lésbicas travestis transexuais sendo contratadas para exercer essa função, para trabalhar dentro de um de uma empresa pública ou privada, entendeu, sendo uma travesti, uma transexual. Nunca. Nunca podia imaginar que eu ia ver uma Secretaria, a primeira Secretaria da Diversidade comandada por uma lésbica aqui no Ceará. A primeira do Brasil, isso é ganho.

2:49: E tudo isso na verdade é resultado de muitas vidinhas que se foram. E muitas vidinhas que nunca imaginavam que isso ia acontecer, que talvez tivessem perdido a fé ou que se foram porque foram cruelmente assassinadas ou que se foram porque perderam a vontade de viver e deixar de acreditar que era ainda possível ter um mundo diferente.

3:24: E nós temos ainda essa possibilidade, eu acredito demais. Eu sei que eu ainda não vou ver tantas mudanças. Quero chegar nos meus 140 anos ainda podendo ver mudanças. Depois disso, eu não sei mais né? 140 anos é um bom tempinho ali que eu tenho para viver, entende? Mas eu sei que tem mudanças aí pela frente, porque nós estamos provocando isso, nós estamos lutando para isso, entende? Então, essa luta vale a pena.

MENSAGEM FINAL DOS ENTREVISTADOS

Cena final com imagem da Parada

Continuação da trilha sonora: Lady Gaga - Born this way

Créditos